



## A estrela de prata

Numa árvore que eu cá sei – que nós sabemos – estão uma estrela de prata e uma bola de cristal.

- Que fazemos aqui? – perguntou a estrela.
- Estamos a enfeitar – respondeu a bola.
- O que é enfeitar? – perguntou a estrela.
- É fazer vista, ornamentar, alindar... – respondeu a bola de cristal.

Passou-se um tempo e a estrela perguntou de novo:

- Porque estamos a enfeitar?
- Porque esta árvore não é como as outras. Os frutos dela são raros.

Aparecem um dia, luzem o seu quê, conforme sabem ou podem, e depois são colhidos e guardados, até para o ano.

A bola de cristal tinha muita experiência de outros Natais, ao passo que a estrela era nova, de prata fresca, e não sabia quase nada.

Passou-se um tempo mais. A estrela caiu, num susto, mas como era leve, inocente e frágil, uma corrente de ar, vinda de uma porta aberta, algures, levou-a consigo.

Levou-a consigo e fê-la poisar, sem estrago, no fofo musgo.

- Olha, é a estrela da gruta – disse alguém que estava a armar o presépio. E a estrela do presépio ficou.

Donde estava, onde a puseram, via o presépio, os pastores, os reis magos, as lavadeiras, as leiteiras, os vagabundos, o moleiro, o azeiteiro e todo o povo do presépio.

Para o ano, a estrela de prata já tem muito que contar à bola de cristal.

António Torrado, *Dezembro à porta*, Asa, 3.ª edição, 2008 (Texto com supressões).